

(4) ANTONIAZZI, Alberto, "O que é pastoral", art. in "Atualização", 1983, pp. 3-18.

(5) *Conclusões de Medellín*, Ed. Metrópole, Porto Alegre, RS, 1968, pp. 5-6.

(6) GALILEA, Segundo, "Aonde vai a pastoral?", Ed. Paulina, SP, 1975, p. 72.

(7) *Subsídios para Puebla*, n.º 1, Ed. Paulinas, SP, 1978.

(8) O "Movimento Porta Aberta" é uma instituição de ajuda criada aqui em Florianópolis pelo Pe. Evaristo Debiasi e Dr. Bruno Schlemper, por inspiração do falecido Pe. Paulo Bratti (+ 1982), então Diretor do ITESC, e atendendo desde então

junto à igreja de Santo Antônio, dos Padres Franciscanos, no centro da capital. Casos de problemas conjugais e pessoais e, ultimamente, casos de jovens envolvidos com drogas, são aí atendidos, na medida do possível.

Endereço do autor:

Casa Paroquial

Rua Sta. Rita de Cássia, 129

88090 — Coloninha — Fpolis — SC

## MÍSTICA E POLÍTICA

### FLASHES SOBRE A QUINTA ASSEMBLÉIA ANUAL DA SOTER

Pe. Vitor Galdino Feller

Professor de Teologia Dogmática

Reunidos em Vitória, ES, nos dias 4 a 9 de julho p.p., mais de 100 teólogos e teólogas membros da SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião), refletiram sobre o binômio "Mística e Política", de interesse renovado neste ano eleitoral. Trago aqui alguns flashes desse Encontro, com o intuito único de partilhar os temas aí debatidos e abrir pistas para uma reflexão sobre o assunto, em nível catarinense.

1. Leonardo BOFF discorreu sobre *Mística e Política: fundamentação histórico-sistemática*. Iniciou manifestando a urgência de se refletir sobre a relação entre mística e política partidária, que é onde surgem os conflitos, onde os militantes carecem de acompanhamento. Após uma rápida retrospectiva sobre a história da filosofia política, no eixo da política vista como campo do poder e jogo de interesses, entrou na relação "ética e política", fazendo a pergunta: Como se situam os cristãos na política? Respondeu do seguinte modo: Quase sempre estiveram no poder, só ultimamente surgindo os cristãos revolucionários, os quais vêem na política uma mediação para a construção do Reino de Deus, descobrindo na sua fé impulsos para uma virtude política.

A partir dessa maneira nova de atuar na política, surgem três cristalizações dos lugares onde os grupos de massa (que querem ser povo) atuam: movimentos sociais-eleisais, sindicatos, partidos. Nesses três lugares-chaves surgem *três níveis de utopia*: utopia mínima (condições de reprodução e distribuição da vida, justiça social: o desafio da sociedade brasileira), utopia maior (revolução econômica, política, cultural, eclesial, etc.: socialismo democrático), e utopia máxima (realização da vocação humana, a nível pessoal e relacional). Os três níveis se dão num processo que integra fins e meios, onde as utopias seguintes, ao mesmo tempo que necessitam da realização das utopias primeiras, incentivam-nas, criticam-nas e as criam. Lembrou então que a sociedade brasileira não alcançou sequer a utopia mínima, e que os países do Atlântico norte, tendo alcançado a utopia maior, não se abriram à utopia máxima. . .

Em seguida expôs os dois eixos de uma mística cristã

comprometida com a política: a mística do seguimento de Jesus (atualizando no contexto de hoje a prática de Jesus como ser humano completo, com seus sonhos, lutas, relações, opções, causas: a partir dos pobres, em conflito com o anti-Reino, morto por motivos políticos, ressuscitado como insurreição contra essa "ordem" . . .) e a mística do Reino de Deus na história (na criação de realizações e relações de vida para os que não a têm, dentro da Igreja mas também fora, como mística do poder para fortalecer o poder do mais fraco, na convicção de trabalhar pela vontade e pela força de Deus).

Finalmente, apresentou alguns momentos de *alimentação da mística política*: celebração da vida e da esperança, evitando a crise da orfandade dos militantes (não-aceitos nas comunidades, porque políticos partidários; não-aceitos no partido, porque "igrejeiros"); celebração da reconciliação e da revisão de vida (análise da boa fé e experiência do perdão ao pecador político); formação de uma prática política da fé (não de princípios para serem aplicados, mas prática na política; necessidade de escolas de formação da Igreja para esse setor); criação do "Movimento Fé e Política" (aliás, lançado durante o Encontro), em que os militantes possam buscar assessoria teológica e se produzam textos para reflexão.

### A fé como espaço do consenso e a política como espaço do conflito

Concluindo, falou da fé como espaço do consenso e da política como espaço do conflito, sendo que os dois são inseparáveis, para se evitarem tanto as mistificações como os interessismos. Falou ainda da fé como arte do impossível, e da política como arte do possível, arrematando: só quem tenta o impossível consegue realizar o possível.

2. Sugestiva colocação foi a de Marcelo de BARROS

sobre *Mística e Política: fundamentação bíblica*. Iniciando com a necessidade de se buscar uma mística de identificação com o povo bíblico (sentido da caminhada, celebrações, cânticos, das lutas pela libertação, da descoberta do projeto de Deus), apresentou o *eixo da espiritualidade bíblica* centrado no binômio: procura e encontro. O eixo motivador da mística (o que me faz viver? o que me faz lutar?) não é o fato de eu procurar a Deus, mas de eu saber que Deus me procura, Deus procura o homem. Com isso, a mística não está centrada em Deus, mas no projeto, no Reino de Deus. Por isso, é uma espiritualidade comunitária e social, antes de ser individual; é anti-idolátrica, porque encontra o Deus da Vida e rejeita os ídolos que levam à morte. Por isso, é crítica mesmo com relação às Igrejas, em sua absolutização do sagrado, em sua sacralização do poder (do poder político enquanto se adora um outro deus, e do próprio poder religioso enquanto se trata a Javé como ídolo).

---

### Missão profética de revelar a Palavra de Deus, como instância crítica e impulso a tomar partido.

---

É uma espiritualidade que fala, não de entrar na caminhada com Deus, mas de buscar um Deus que caminha conosco, a nosso serviço, sabendo que no fundo está a busca da vida, e na busca da vida está a justiça, integrante da luta e da própria oração. Uma justiça que se manifesta como zelo pela vida e pela causa do povo, como misericórdia e compaixão políticas; e missão profética de revelar a Palavra de Deus, como instância crítica e impulso a tomar partido.

Em seguida apresentou alguns *desafios* que a espiritualidade bíblica nos leva a aprofundar: a) como falar de Deus num mundo de desgraça onde se vai cantando o Deus da vida e se vai morrendo assassinado pelos deuses da morte? b) porque alguns, diante disso, ficam numa defesa fácil de Deus, cantando "glória glória aleluia", esquecendo a interpelação da fé verdadeira diante das mortes? c) como entender a espiritualidade como discipulado, como direito, e não como dever, como práxis que é ao mesmo tempo de libertação (social) e de afetividade relacional com Deus (relacional-pessoal)? d) como levar em conta a dimensão da gratuidade, na busca não só do projeto de Deus, mas de Deus mesmo, evitando a sacralização da caminhada e a utilização de Deus? e) como encontrar uma relação esponsal com Deus que seja ao mesmo tempo social com os irmãos, uma interioridade no social e uma socialidade no pessoal?

Marcelo desenvolveu ainda *algumas características* dessa espiritualidade bíblica: a) nela tudo é gratuito: Deus é aquele que se deixa encontrar, por aqueles que o procuram; b) a prece do pobre vira oração de Deus (S. João Clímaco): Deus mesmo reza para que o homem viva, Deus mesmo é pobre, ele depende do homem para que o pobre viva; c) criação e aliança são dois pólos da promessa da vida: rezar é lembrá-las, sabendo que o primeiro a lembrá-las é sempre o próprio Deus; d) o exílio começa com o

esquecimento, a libertação começa com a memória: oração como memória; e) todo salmo tem memória do passado, olhar para o presente, confiança no futuro; f) é o Espírito Santo, como dimensão feminina de Javé (Deus-mulher, mãe, esposa), que vai provocando essa lembrança como oração e o seguimento como luta: orar e viver como Deus; g) o Novo Testamento introduz o sentido do amor, ternura, dignidade de cada pobre, para além de grandes projetos sociais, eficacismos, do amor que faz da cruz ser cruz da ressurreição, e que diante do conflito não o evita, mas o vive, para desmascará-lo e superá-lo.

---

### O olhar contemplativo e engajador na questão ecológica, na busca da transformação da natureza na ótica do pobre;

---

Por fim, apresentou *algumas expressões atuais* da espiritualidade bíblica: a) os núcleos comunitários onde se aprende o discipulado, a capacidade de diálogo e crítica; b) a inserção de amor e de encarnação na cultura e na religiosidade do povo oprimido, dos negros, índios...; c) o olhar contemplativo e engajador na questão ecológica, na busca da transformação da natureza na ótica do pobre; d) o exorcismo da técnica destruidora e o emprego de uma técnica para a vida; e) ecumenismo e ecumenicidade, não como atividades, mas como dimensão, não só religiosa mas também humana.

3. Falando sobre *Mística e Política na Itália*, Bruno SECONDIN fez uma resenha dos movimentos que se vão delineando naquele país, nas relações entre Igreja e poder. O colateralismo (conúbio) entre Igreja e Democracia Cristã está cansando: há a diáspora de muitos católicos na direção de partidos socialistas e comunistas; a Ação Católica separou-se da Democracia Cristã.

A Igreja está preocupando-se com a formação da consciência política de seus membros, criando escolas diocesanas. A Conferência Episcopal elabora com seus documentos uma espécie de espiritualidade política, tendo à frente o Cardeal Martini, de Milão. O movimento "Comunione e Liberazione" atua ativamente na política com seu braço secular, o "Movimento Popolare", engajado na Democracia Cristã.

Alguns movimentos eclesiais não atuam na política, buscam uma espiritualidade mais intimista, sendo quase como Igrejas paralelas, com hierarquia própria, exportáveis para o mundo inteiro. Mas vão surgindo novos movimentos, sensíveis à leitura do passado: as cruzadas (como mística que se fez política), os movimentos pauperistas da Idade Média, o jansenismo, o quietismo, todos vistos como contra-cultura, com sua mística utópica, contrários ao conúbio Igreja-poder.

Por sua parte, os partidos políticos demonstram agora uma atenção nova para com a religião, sobretudo para com os católicos, enquanto estes são mais abertos às questões do bem comum e aos novos movimentos políticos (pelos direitos humanos, contra a fome no mundo, pela paz, pela defesa da natureza, etc.).

4. Benedito FERRARO falou sobre Mística e Política na *experiência das CEBs*. Apresentou inicialmente as características da mística que surge nas pequenas comunidades: martirial, aberta para a utopia, de busca e procura, dentro da realidade, da gratuidade, contemplativa. Terminou apresentando *os desafios* a serem enfrentados na busca de uma melhor relação entre mística e política nas CEBs: a relação fé e política e enraizamento do novo modelo social na massa; o resgate das organizações populares e busca do seu sentido; uma atividade política mais terna, não dura, fria, racional.

5. Antonio A. da SILVA (Toninho), presidente reeleito da SOTER, falou sobre Mística e Política na *experiência do Negro*. Após apresentar a "olomvisão" dos negros em suas raízes culturais, falou da mística política na experiência da diáspora: onde a organização dos quilombos não foi vivida como saudade mas como memória, não como volta ao passado mas com vistas ao futuro; onde se dança e se samba o sofrimento; onde as pessoas, nos terreiros, se sentem possuídas pela divindade; onde se experimenta o "axé", a vida, cuja grande fonte é a mulher. Falou ainda da mística política dos negros nos *movimentos populares-ecclesiais*. E terminou perguntando: até que ponto a política partidária dá conta do amplo imaginário político-social do negro?

---

## Um novo conceito de mística a partir das mulheres empobrecidas.

---

6. Um dos pontos altos do Encontro foi a colocação de Ivone GEBARA sobre a Mística e Política na *experiência da Mulher* ou, mais especificamente, a partir das mulheres empobrecidas do Brasil, do seu Nordeste. Começou anunciando um novo conceito de mística *a partir das mulheres empobrecidas*. Fazendo uma retrospectiva histórica das mulheres místicas na vida da Igreja, de sua vida fechada nos conventos, ainda que com projeções nas instâncias de poder, de uma experiência mística de elite, onde para o povo sobravam as devoções, pergunta: tem que ser sempre assim? há uma hierarquia de graus no conhecimento de Deus? o povo simples pode ter experiência mística?

E responde: Hoje, na América Latina, há sensibilidade para a pluralidade das experiências religiosas, sem reduções a um centralismo teológico; nessa abertura, nasce uma mística das mulheres empobrecidas. Como sujeito histórico de mudança (embora não assim consideradas), elas possuem uma energia vital que as leva a agir a partir de valores dos quais não podem abrir mão, sob pena de morrerem: a luta pela sobrevivência, o relacionamento com o Deus da vida, a mística do convívio, o clamor contínuo por Deus ("ai, meu Deus!"), o impulso criativo e político para conservar a vida, as crenças que sustentam a fragilidade da vida. Sem escolas, sem mestres, sem discipulado organizado, sem técnicas respiratórias nem música de fundo, elas vivem uma aliança com alguém maior.

Fez em seguida uma "suave" (sic) crítica à mística

*libertária* de corte racionalista-machista-iluminista, de teólogos e agentes pastorais politizados que reduzem a experiência mística do povo à atuação na política, que fazem subsumir as diferenças homem-mulher, branco-negro etc., na pretensão de colocar tudo na luta revolucionária. O corte é sempre machista, por mais libertário que pretenda ser. O jeans é apertado demais para o gingado feminino. O verbo masculino busca argumentos no passado, com citações. Às mulheres basta o presente, seu verbo é mais livre.

Numa relação entre *mulheres bíblicas e mulheres empobrecidas*, mostrou também que a leitura bíblica a partir das empobrecidas libertou as mulheres bíblicas abrindo, por sua vez, mais espaço nas comunidades para as mulheres de hoje. Também aqui, as mulheres mostram que nem tudo se encaixa imediatamente num projeto revolucionário. Rute e Noemi foram vistas, por exemplo, numa reunião de mulheres pobres, não como revolucionárias mas como avançadas sexualmente, independentes de seus homens. O que o povo espera de nós é muito mais do que aquilo que nós pensamos que o povo espera.

Por fim, apresentou alguns dados de uma *mística do movimento feminista*: uma teologia não-excludente, mas alternativa, com proposta de rever os referenciais antropológico-filosóficos; urgência de uma leitura profunda da Bíblia, salientando o lugar que Jesus deu às mulheres; experiência das mulheres teólogas como grávidas do Espírito Santo: esse que vai nascer de seu corpo (não de sua cabeça), não vem do homem velho, mas do novo que é o Espírito Santo.

7. Mística e Política *no mundo do trabalho* foi o tema esboçado por Rogério CUNHA. O trabalho foi visto como *matéria-prima da mística*. A primeira característica dessa mística é o pobre, com sua necessidade de trabalhar para comer, para dar de comer ao filho, numa relação que lembra a comunhão familiar-trinitária entre Pai, Filho e Espírito Santo. Outra característica dessa mística do trabalho é ver aquilo que a ideologia não deixa ver: o trabalhador é um visionário. Uma terceira característica é a teologia da cruz-resurreição: trabalhar é parir a vida, é vencer a cruz; é a teologia do "uai!" dos discípulos de Emaús, que não se dão conta da presença do Senhor a não ser no pão partilhado.

8. Sobre Mística e Política *no Sindicato* falou o sindicalista Durval CARVALHO. Apresentando as conhecidas dificuldades de relação entre o cristianismo e as ideologias revolucionárias, concluiu com os seguintes dados concretos: a fé obriga a ser duro consigo mesmo, a ser ético, a buscar a verdade, desprovido de preconceitos, a ser pequeno para servir, a saber desatar as sandálias dos pobres. . . e isso é ser revolucionário; se a política é serviço à vida, ao humano, isso é superior ao ideológico; a teologia do Deus da vida não me leva a odiar o outro, a matá-lo, mas sim a enquadrá-lo em si mesmo, para que ele se descubra como pessoa.

---

## A opção pelos pobres não é opção pela miséria, mas pela socialização da riqueza;

---

9. Benedita da SILVA deu seu depoimento sobre Mística e Política *no partido*. Falou como mulher, negra, favelada, política, deputada federal pelo PT e cristã, membro participante da Assembléia de Deus. Entre outras colocações, asseverou que a prática da fé é recuperar a própria origem, e a partir dela poder discutir com todos; a opção pelos pobres não é opção pela miséria, mas pela socialização da riqueza; a fé, por ser mística, é revolucionária, e caso contrário é opressora; é necessário brigar com a racionalidade dos políticos em nome da prática-teoria (no seu caso, quilombola).

10. Tema interessante foi apresentado por Frei BETTO: Mística e Política *na experiência da oração*. Afirmando que a imagem que se tem de Deus é fundamental para a atuação política, retomou os místicos renascentistas, como os que fizeram uma revolução copernicana na espiritualidade. Eles rejeitaram a santidade grega do Deus irônico, cínico, exigente das duras provações do homem, e descobriram o Deus bíblico dos profetas, o Deus que vem a nós. Não o Deus da virtude, mas o Deus do amor. Não o Deus que faz o santo não pecar, mas o Deus que faz o pecador tornar-se santo. Muito mais ascético do que não comer, é não deixar-se levar pela vingança e ódio ao que pensa e age diferente de mim. Esse é o Deus de Jesus, encontrado nos conflitos quotidianos, e não no pôr-do-sol, na praia. E é aqui que os militantes se perdem. No seu tripé, eles vão bem no pé da pastoral, razoavelmente bem no pé da política, mas estão deficientes no pé da formação teologal, da oração mística.

Criticou em seguida a *marca de morte na espiritualidade ocidental*. No mito grego, o filho mata o pai; no mito bíblico (numa leitura mal feita), o pai Abraão mataria o filho, para obedecer a Deus. Uma leitura mortífera-cruel que entrou na história para justificar a teoria de Santo Anselmo de que o Pai teve de matar o Filho, seguindo o script de um drama preestabelecido... Leitura que impede de ver toda a conflitividade histórica da morte de Jesus e, mais ainda, a força da sua ressurreição. Na verdade, Abraão rompeu com uma religião pré-javista, quando descobriu o Deus da vida. Falta à política da América Latina uma mística da ressurreição da vida.

Em continuidade, observou que a política da esquerda peca pela *falta de subjetividade, de liturgia*. Há muita racionalidade, ranço, mau humor. Também na política em geral há carência de ritos, símbolos, celebrações. Concluiu: é preciso integrar o teologal (mística, espiritualidade) no teológico-pastoral e no político.

---

## O grande princípio da libertação é a inteligência, em seu ato de buscar a verdade

---

11. Na tarde do último dia, estive conosco Dom Luciano Mendes de Almeida. Entre outras colocações, afirmou: o grande princípio da libertação é a inteligência, em seu ato de buscar a verdade; há determinismos difíceis de serem superados, diante dos quais é preciso respeito e paciência

histórica; com a consciência de nossa própria limitação; é preciso captar a verdade em meio à complexidade, e viver a fé em meio a vicissitudes; é preciso não só ser salvo por Jesus Cristo, mas também, de certo modo, salvar Jesus Cristo e salvar a Igreja, como instituição, sempre amada; o amor permite sintonias, ele vem da confiança no outro, na intenção do outro, na graça do outro, na sua conaturalidade com certos aspectos da verdade, do próprio Deus.

12. Enriquecedora e questionadora foi a noite de diálogo com alguns agentes de pastoral da Arquidiocese de Vitória, nascidos nas CEBs, hoje engajados em partidos, sindicatos, movimentos populares, um deles sendo Deputado estadual pelo PT. Cobraram acompanhamento teológico-eclesial mais adequado às suas lutas como cristãos, para superarem o risco de extravio da fé e da Igreja das suas comunidades de origem.

13. Excitante, hesitante, responsável e frutuosa foi a tarde de elaboração e votação da "*Carta de Vitória*", que escrevemos aos irmãos e irmãs da caminhada. Refletindo sobre o mar agitado, as sacudidas que a Igreja está sofrendo com as restrições ao trabalho de bispos e teólogos mais avançados e com as nomeações de bispos de linha mais conservadora, nós nos dispusemos a não desanimar nem ser motivo de desânimo. Mas, seguros de que o Senhor se encontra na direção do barco e de que o Evangelho é que nos abre os olhos e nos ajuda a não desanimar, escrevemos:

"Ele nos faz ver que no meio do povo há muitos sinais da presença de Jesus, escondido no barco: a leitura que o povo faz da Bíblia a partir da sua realidade e da sua fé; o Projeto "Palavra-Vida" dos religiosos de toda a América Latina; o esforço de tantos cristãos em continuar dentro da Igreja, apesar destas contrariedades; a luta de tanta gente pela justiça e por uma sociedade mais justa; a busca de novos caminhos neste assunto de "Mística e Política"; o apoio que os pobres recebem, na sua luta, de tantos irmãos de outros países; as declarações de diversos grupos de teólogos das Igrejas da Europa; a vontade decidida de nossas comunidades de se manterem em comunhão com seus pastores; o apoio de tantos bispos, verdadeiros irmãos, que animam e orientam nossa fé e nos quais reconhecemos os traços de ternura e de bondade da Igreja que é Mãe e de Deus que é Pai.

"Por tudo isso, continuamos firmes na fé e na busca do diálogo sincero com os nossos pastores. As ondas são grandes, os problemas são reais, mas não são capazes de derrotar a nossa confiança. No passado, os cristãos foram capazes de superar crises bem mais graves. Junto com Maria, Mãe de Jesus, invocamos a luz e a força do Espírito Santo, para que ele nos oriente e anime e, para que, finalmente, a Vitória seja do Espírito Santo" (Vitória, ES, 7.7.1989).

Muitas outras colocações foram feitas, sobretudo nos debates. Oportunamente deverá sair um relatório, historiando e trazendo os conteúdos desta quinta Assembléia anual da SOTER. Aqui apresentei resumidamente o que julguei suficiente para uma partilha e para o despertar de novos rumos místico-políticos em Santa Catarina.

---

Endereço do autor:  
Caixa postal 5041 — ITESC  
88041 — Florianópolis, SC